

O REGGAE SERGIPE EM UM OLHAR INDIVIDUAL

Cezar Silva Meneses¹⁰⁷

A chegada do reggae no cenário musical brasileiro

O gênero musical reggae criado na Jamaica, país que fica localizado na América central, e que ganhou o mundo, possui uma história de influências culturais africanas bastante rica. No Brasil, país da América do sul, o ritmo se desenvolveu ganhando a simpatia de milhares de brasileiros que se identificou com seus temas de cunho social, espiritual e romântico. A trajetória do reggae no Brasil começa a partir dos anos 70, se consolidando como um movimento cultural de luta e resistência. Em Sergipe não foi diferente. Vamos entender como o reggae chegou e conquistou o coração dos sergipanos? Quem são os principais artistas, bandas e agentes, que estão ajudando a popularizar o gênero no estado de Sergipe?

O reggae chega no Brasil, de fato, nos anos 1970. Porém, fontes datam o primeiro contato dos brasileiros com o reggae a partir da visita de Jimmy Cliff, em 1969, para participar do FIC (Festival Internacional da Canção). Em 1972, Caetano Veloso gravou *Nine Out of Ten*, lançada no Brasil no mesmo ano, no álbum *Transa*. A canção foi considerada uma marca na história do reggae no Brasil. Já o cantor e compositor Gilberto Gil gravou a versão em português de *No woman no cry* do pop star Bob Marley no ano de 1979. A música foi intitulada *Não chore mais* e faz parte do álbum *Realce*. Essa versão se tornou um grande sucesso no País, vendendo mais de 500 mil cópias do compacto.

Um dos pontos de chegada do reggae em Sergipe

É justamente nesse mesmo ano de 1979, que em uma fazenda do município de Laranjeiras chamada Cafuz, que acontece uma pequena manifestação em comemoração as festas juninas de São João que a música *No woman no cry* foi tocada para os moradores da

¹⁰⁷ MENESES, C.S., graduado em artes visuais pela Universidade Federal de Sergipe, atualmente é professor do Estado de Alagoas. Músico da banda “Guerreiros Revolucionários”, militante do movimento negro de Sergipe. Participou do evento “Perspectiva do fim do mundo II: uma homenagem a Leci Brandão e Paulinho da Viola” no dia 24 de novembro, na condição de palestrante. E-mail: plebeujao@gmail.com.

localidade. O idealizador da festa foi até a cidade de Aracaju/Se com o intuito de conseguir comprar o compacto com a versão de Gilberto Gil. Não se sabe como, mas o senhor José Braulio da Silva retornou da capital sergipana com o álbum de estúdio *Natty Dread*, gravado por Bob Marley em 1974.



Acervo dos Guerreiros Revolucionários

Na ocasião era para tocar apenas a versão da música *Não chores mais* de Gilberto Gil. Mas, todo o disco acabou sendo tocado, mesmo sendo uma noite de festejos juninos. O disco passou a fazer parte do repertório de todas as festas que no armazém de propriedade do senhor José Braulio se realizasse. Além da já consagrada *No woman no cry*, canções como: *Lively Up Yourself*, *Them Belly Full (But We Hungry)*, *Rebel Music*, *So Jah Seh*, *Natty Dread*, *Bend Down Low*, *Talkin Blues*, *Revolution*, *Am-A-Do*, que fazem parte do álbum, caíram no gosto dos moradores da fazenda. Desse momento histórico nasceu a canção *Cafuz Reggae Roots Rock*.

Influências não declarada

Nos primeiros anos de 1980 o Brasil ainda vivia sobre o regime de ditadura. O cenário musical começava a passar por uma transformação, na década de 80 começaram a surgir principalmente no sudeste brasileiro várias bandas de rock: Titãs, Paralamas do sucesso, Legião urbana e principalmente a Blitz. Essas bandas de rock foram fundamentais de certo modo para a disseminação do reggae. É perceptivo as influências do ritmo jamaicano nos grooves das bandas citadas. Canções como *Marvin* dos Titãs, boa parte das canções dos paralamas do sucesso que usaram e abusaram de *Ska* e *Rock steady* a banda Blitz que claramente montou uma

formação baseada no trabalho de Bob Marley & The Wailers. Ajudaram a preparar o caminho para a entrada do reggae no Brasil, e no estado de Sergipe não foi diferente.

Aceitação definitiva do Reggae em Sergipe

Por volta de 1988 surge, nas rádios de Sergipe, Edson Gomes com os Hits *Sistema do Vampiro* e *Samarina*, logo esses trabalhos caíram no gosto da população sergipana. E, em 1990, Edson Gomes faz sua primeira aparição na cidade de Aracaju: Clube Cotinguiba. O reggae de Edson Gomes ganha as ruas sergipanas, sendo tocada em todas as festas e em eventos familiares.

Muitos outros artistas brasileiros tiveram um papel importante no desenvolvimento do reggae no Estado de Sergipe. O grupo Tribo de Jah, por exemplo, foi fundamental para difundir o reggae roots no Brasil e em Sergipe. Outras bandas como Cidade Negra, Banda Terceiro Mundo, Adão Negro, Sine Calmon e Morão Fumegante Natiruts, Paralamas do Sucesso e Planta & Raiz também contribuíram para popularizar o reggae entre os sergipanos. Esses artistas trouxeram novas sonoridades ao gênero e ajudaram a expandir sua influência pelo estado. Porém, não como Edson Gomes que é uma unanimidade entre os sergipanos, sendo até mais ouvido em Sergipe que o próprio Bob Marley o rei do Reggae mundial.

O papel dos blocos afroreggae na difusão do gênero em Sergipe

O final dos anos 80 e início dos 90 foi marcado pelo aparecimento de vários blocos afros na capital sergipana, ajudando a popularizar o que seria conhecido pelos sergipanos como as cores do reggae, que são as cores verde, amarelo, vermelho e preto, e do samba reggae. Nesse período artistas sergipanos como Tonho Baixinho (hoje conhecido como Tom Robson), Irmão além das bandas de baile que tocavam músicas em trios elétricos, tinham em seus repertórios algumas músicas reggae que faziam sucesso no estado sergipano. O Axé Music baiano, que tinha grandes expoentes, nomes como Luiz Caldas, Jeronimo, e as bandas Mel, Reflexos e Chiclete com Banana; traziam nos seus repertórios ritmos muito semelhantes ao reggae jamaicano.

Mas, os blocos afros influenciados pelo sucesso do Olodum é que fizeram a população sergipana soltar o grito “Eu sou negão!”. Blocos como Quilombo do Bairro Cirurgia, Axé

Kizomba do Santos Dumont, Bantos Nação do Bairro América e Filhos do Nagô do Bugio, atraíam centenas de jovens para participar dos grupos, como músicos e dançarinos. Esse momento da história do movimento negro de Sergipe é bastante significativo para aproximar a população do gênero musical reggae. Com o fim de alguns blocos alguns músicos passam a pensar em eletrificar seus trabalhos, surgindo assim o desejo de formar bandas.

O primeiro Projeto de Reggae resistência

No ano de 1989 o projeto intitulado de “Jama Reggae” começa a ensaiar as primeiras tentativas de formar uma banda de reggae resistência no Estado sergipano. Já no Bairro Bugio, localizado na Zona Norte da capital, um grupo de adolescentes carentes, desde 1988, já havia começado a pensar em montar uma banda de reggae, a diferença era a carência financeira. Por falta de equipamentos e experiência, o projeto de banda reggae do Bugio sofreu um longo atraso para se iniciar. Os primeiros passos foram o de musicalizar canções, fazendo uso de violões. Nesse processo se destacou um dos personagens mais importantes da cena inicial do reggae em Sergipe, O Jovem “Alterez”. Em parceria com Plebeu Jaó e Kiki Aledhuma o reggae sergipano, como ainda hoje é feito, começa se ser desenhado. Somente em 1993 o grupo consegue realizar o que seria a primeira apresentação de uma banda de reggae resistência em solos sergipanos, mesmo porque a citada Jama Reggae, apesar de ter realizado algumas poucas apresentações, não era engajada aos principais temas da cultura reggae resistência.

A primeira apresentação

A princípio batizada de Sgork (Sociedade da grande ordem Kavernista), influenciados pela sigla criada pelo roqueiro Raul Seixas, em um primeiro momento o grupo de jovens, formado por Alterez no violão, Alex Gomes, Beto Ganga zumba e Plebeu Jaó, que havia saído do Bloco Filhos do Nagô, fez duas aparições cantando os sucessos dos Racionais Mcs. Logo em seguida o grupo fez uma única apresentação com esse nome Sgork, a convite de Severo D’Acelino, na Casa de Cultura Afro, dessa vez cantado somente letras próprias e com a seguinte formação: Alterez no contrabaixo, Alex Gomes na guitarra, Kiki Aledhuma na Bateria e vocal, Dilton Ghraúna na percussão e Plebeu Jaó no vocal. Posteriormente o grupo passa a ser chamado de “Utilidade Pública”.



Acervo dos Guerreiros Revolucionários

Mesmo sem acesso a informações mais detalhadas sobre o gênero e estudos sobre música e de maneira intuitiva o grupo começou a se organizar. A aproximação com Pedro Neto, que estava como membro da “SACI”, entidade que tinha como objetivo fortalecer o movimento negro no Estado sergipano, foi uma importante etapa por oferecer significativo apoio ao grupo, conseguindo bons equipamentos e local para ensaios. Assim, o grupo passou a fazer diversas apresentações em solos sergipanos, mas, já não contava com a formação original.

As primeiras letras e gravações de CD

As primeiras letras que foram escritas falavam sobre a realidade vivida pelos integrantes do grupo. Letras como: *Ganja menina*, *Tribo de homens guerreiros*, *Sergipe não é Babilônia*, *Vampiros do poder*, *Acorda*, *Bom relacionamento*, *S.O.S* e *Caixeiro do nordeste* de Plebeu Jaó. *Mensageiro pai*, *Expulsar o mal*, *Sobrevivência Mental* de Dilton Ghraúna, marcam o início de um trabalho exclusivamente autoral desde o começo da cena reggae em Sergipe, servindo de influência para aqueles que estavam chegando na cena.

A partir de 1999, vários grupos começam a surgir no cenário sergipano. Com o fim da Utilidade Pública as bandas Guerreiros Revolucionários, Reação, Só as cabeça, Ogan Jah, Leões de Judá, passam a existir e a realizar apresentações. Pedro Shauli, cantor que foi convidado para integrar o grupo Utilidade Pública, foi o primeiro artista sergipano a gravar um

CD totalmente autoral de reggae resistência. Os anos que se seguiram foram marcados pelo aparecimento de dezenas de outras bandas de reggae sergipanas, criando assim um cenário bastante promissor. O único problema que até os dias atuais é um obstáculo é o imposto pela falta de recursos financeiros.

No ano de 2004, a banda Guerreiros Revolucionários grava seu CD em estúdio, intitulado de *Místico Gangae*, logo em seguida a banda Reação grava o CD *Na força da Fé*, cheio de canções que passaram a ser tocadas nas principais rádios locais. As demais bandas seguiram o mesmo caminho e conseguiram realizar gravações de forma independente. Estima-se que entre as bandas que ainda estão ativas e as que encerraram seus projetos, o total é de mais de 50 bandas, a maioria da capital.



Acervo dos Guerreiros Revolucionários

Hoje o cenário não mudou muito do que era no início, os grupos ainda sobrevivem de forma independente, com recursos próprios. A banda que mais se destaca nesse cenário é a banda Reação. Porém, o grupo tem pouquíssimo reconhecimento fora do Estado sergipano. Um grande desafio é tornar e manter essas bandas reconhecidas no cenário nacional. Os grupos já se apresentaram diversas vezes em outros estados. As Bienais de Salvador e de Olinda, por exemplo, foram momentos em que a banda Guerreiros Revolucionários teve participação de destaque. A banda Reação por diversas vezes foi citada por Marcelo Falcão, ex-Rappa, até em programa de destaque na rede Globo, mas, mesmo assim, o reggae sergipano não conseguiu ainda ter um grupo com contrato e podendo realizar turnê.

O movimento rastafari e sua influência no reggae de Sergipe

As bandas locais desde sua formação no final dos anos 80, buscaram o entendimento sobre o rastafarianismo direcionando suas músicas para propagar o movimento no cenário local. Canções como *Revolução Dread-look*, *Visual Subversivo*, *A Tocha* são exemplos do envolvimento dos artistas do movimento reggae sergipano com o movimento rastafari. Claro que a realidade sobre o movimento rasta da Jamaica é bem diferente do que foi aprendido em Sergipe. Em Sergipe, a ideologia rastafari passa pelo entendimento de quem somos enquanto ser, por nossas origens como descendentes direto de Cam, um dos três filhos de Noé, e a afrodescendência.

Conquistas

O movimento reggae de Sergipe conseguiu, junto com o então vereador Bittencourt, o estabelecimento do dia municipal do reggae em Aracaju, que é o dia 11 de maio, dia que celebra a passagem de Bob Marley para o plano espiritual. Fora isso, nada de mais significativo foi conseguido. Não podemos dizer que existe propriamente um movimento reggae sergipano, semelhante aos que existem no Maranhão e em Salvador. Recentemente a cidade de Maceió conseguiu montar uma casa de show exclusiva para as bandas de reggae locais, coisa que ainda não temos em Sergipe. Com muita dificuldade o agente cultural Pedro Neto tenta manter um fórum de discussões sobre o gênero que pouco funciona. Hoje são poucas as bandas que mantem uma rotina de ensaios e que produz com regularidade seus trabalhos.

No mandato da presidenta Dilma Rousseff foi instituído o Dia Nacional do Reggae em homenagem a Bob Marley, celebrado em 11 de maio, como já o dissemos, data da passagem do pop star para o plano espiritual. Essa ação coloca o reggae como um gênero mais que importante na cultura brasileira. O reggae é um estilo musical muito apreciado no Brasil, são vários os festivais dedicados exclusivamente ao gênero e há uma legião de fãs espalhados pelo país. Sua mensagem política e social, de amor, de espiritualidade e resistência segue crescendo e conquistando novos adeptos e inspirando novas gerações de artistas.

Música Cafuz Reggae Roots Rock

Letra de Plebeu Jaó

Em uma noite especial acontecia uma festa reggae aqui.
Os grandes rastas foram acionados e o disc-jockey tocou reggae.

O Manguezal – Revista de Filosofia

São Cristóvão/SE, v.1, n. 18, jan. – jun. 2024, ISSN: 2674-7278.

Os grandes rastas cantou reggae. Os novos rastas dançou reggae.
Cafuz nessa noite era só reggae.
Ao som de Bob Marley e Peter Tosh, Cafuz dançou reggae roots rock.